

DESMOBILIZAÇÕES JUVENIS E A REIMAGINAÇÃO DA RESISTÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE EM CONTRASTE COM O PERÍODO CONTRACULTURAL

Maria Isabel Mendes de Almeida¹
Raphael Bispo²

RESUMO

A proposta deste artigo é pensar experiências de vida juvenis contemporâneas que vêm esboçando agendas propositivas de como operar a subjetividade diante da demanda constante de prontidão para a ação, da maximização da competitividade no mundo do trabalho e do permanente estado de aceleração que vem atravessando seus cotidianos provocados pelas dinâmicas capitalistas atuais em nossa sociedade. Para isso, buscaremos refletir sobre tais funcionamentos subjetivos jovens a partir de suas (des)continuidades em relação aos modos operativos contraculturais típicos da década de 1960 e 1970. Nossa aposta analítica trafega sobre os remanejamentos contemporâneos dos mecanismos de ruptura, desvio, oposição, mal-estar e resistência que marcaram tais formas de ação política da juventude contracultural, convertidas hoje em ações que nomearemos de *desmobilizações* e *virar*, caracterizada por modos de comportamento que em muitos aspectos os aproximam mais da prática da resiliência do que da resistência contracultural típica dos anos 1960 e 1970.

Palavras-Chave: juventude; resistência; resiliência; desmobilizações, contracultura

Juvenile demobilizations and the reimagining of resistance in contemporary times in contrast to the countercultural period

ABSTRACT

The purpose of this article is to think of contemporary youth life experiences that have been outlining propositional agendas to how operate subjectivity in the face of constant demand for action, maximization of competitiveness in the world of work and the permanent state of acceleration that has been going through their daily lives by the current capitalist dynamics in our society. In order to do so, we will seek to reflect on such young subjective workings based on its (dis)continuities in relation to the typical countercultural operative modes of the 1960s and 1970s. Our analytical approach deals with the contemporary relocations of the mechanisms of rupture, deviation, opposition, uneasiness and resistance that marked these forms of political action of the countercultural youth, nowadays converted into actions that we will call *demobilizations* and *turn around*, characterized by modes of behavior that in many ways bring them closer to the practice of resilience than to the typical countercultural resistance of the years 1960 and 1970.

Keywords: youth; resistance; resilience; demobilizations, counterculture

Desmobilizaciones juveniles y la reimaginación de la resistencia en la contemporaneidad en contraste con el período contracultural

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UCAM. Coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP/ IUPERJ/ UCAM). Contato: isabelmendes2008@gmail.com

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. Pesquisador Associado do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP/ IUPERJ/ UCAM). Contato: raphaelbispo83@gmail.com

La propuesta de este artículo es pensar experiencias de vida juveniles contemporáneas que vienen esbozando agendas propositivas de cómo operar la subjetividad ante la demanda constante de prontitud para la acción, de la maximización de la competitividad en el mundo del trabajo y del permanente estado de aceleración que viene atravesando sus cotidianos provocados por las dinámicas capitalistas actuales en nuestra sociedad. Para ello, buscaremos reflexionar sobre tales funcionamientos subjetivos jóvenes a partir de sus (des) continuidades en relación a los modos operativos contracultura típicos de la década de 1960 y 1970. Nuestra apuesta analítica trae sobre los remanejamientos contemporáneos de los mecanismos de ruptura, desvío, oposición, malestar y resistencia que marcaron tales formas de acción política de la juventud contracultural, convertidas hoy en acciones que nombraremos de *desmovilizaciones* y *volverse*, caracterizada por modos de comportamiento que en muchos aspectos los acercan más a la práctica de la resiliencia que a la resistencia contracultural típica de los años 1960 y 1970.

Palabras-Clave: juventud; resistencia; resiliencia; desmovilizaciones, contracultura

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa coletiva realizada ao longo de três anos (2013-2016) no âmbito do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP/ IUPERJ/ UCAM)³. Durante esse período nos envolvemos com o que chamamos de *desmobilizações* juvenis na vida urbana – uma série de fenômenos bastante diversos que, entretanto, são atravessados pela questão comum de uma espécie de cansaço ou esgotamento da “mobilização infinita moderna” (SLOTTERDIJK, 2002), que dá lugar a uma série de iniciativas entre os jovens de redesenho das formas de vida rumo a uma desaceleração ou menorização, através de composições situadas e resilientes. Estes fenômenos envolvem desde reorganizações nas formas de morar, comer ou trabalhar, até iniciativas de “retirada” da metrópole e o fenômeno do pós-consumismo, dentre outras manifestações contemporâneas face à captura capitalista no que diz respeito à gestão do tempo, à ocupação do espaço, e à administração dos corpos e dos afetos.

Neste sentido, este artigo é uma espécie de ensaio em que pensamos de maneira mais ampla o quanto a *desmobilização* tornou-se uma forma de ação contemporânea dos jovens buscarem ser “do contra” nos dias de

hoje. Ele está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos a ideia de *desmobilização* e a maneira como buscamos desenvolvê-la enquanto um modo operativo em nossa pesquisa. Ilustraremos esse conceito através de dados de nossa pesquisa coletiva que privilegiarão as *desmobilizações* de jovens que se afastaram do mundo virtual ou passaram a frequentar retiros espirituais. Em seguida, a fim de elucidarmos melhor esse fenômeno nos dias de hoje, acionamos uma interface comparativa acerca das concepções de “resistência” e projetos de vida entre jovens das décadas de 1960/1970 e os da contemporaneidade, já que percebemos que no chamado “período contracultural” existiram maneiras muito específicas dos jovens enfrentarem os dilemas sociais daquela época, um tanto distintas das formas como suas ações são orquestradas na contemporaneidade. Uma série de pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos quinze anos no âmbito do CESAP/ IUPERJ/ UCAM nos servirão de norte analítico para pensarmos a *desmobilização* contemporânea em contraste com as ações de “resistência” contraculturais.

A pesquisa de campo foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. A metodologia adotada foi o “rastreamento descritivo” proposto por Latour (2012) com a sua teoria do ator-rede, de modo a

³ O Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP) é lotado no IUPERJ/ UCAM e coordenado por Maria Isabel Mendes de Almeida (<http://cesap-ucam.com.br/>). Desde os anos 1980, vem dedicando-se a estudar a articulação entre culturas jovens e a produção de novas subjetividades. Entre 2013 e 2016, desenvolvemos os projetos “Reinvenções da solidão na juventude contemporânea” e “Juventudes e desmobilizações da vida urbana na contemporaneidade”. Os resultados gerais dessas pesquisas podem ser acompanhados na coletânea Almeida (2016).

nos permitir ir em busca de experiências várias que tenham na *desmobilização* o seu atravessamento comum. Sem pré-determinarmos indicadores sociológicos clássicos tais como classe, gênero, faixa etária, etc, este procedimento permite que seja o percurso por entre as experiências juvenis na sua diversidade de atualizações e modos de apropriação a nos indicar, como resultado bem mais fino e sutil, o enquadramento e a distribuição dos agentes. Trata-se de um procedimento que se revela extremamente útil no desenho analítico de um mapa não-generalizante. Ao expor os mais diferentes posicionamentos dos agentes em relação a uma mesma questão, este procedimento revela que pode estar na controvérsia (e não na unanimidade) a relevância dos fenômenos, permitindo-nos fornecer uma compreensão muito mais disseminada e micrológica do *socius* – e mais próxima da concretude das vivências.

Por se tratar de uma matéria ao mesmo tempo íntima e coletiva, propusemos que o nosso rastreamento incidisse simultaneamente em dois planos: no relato pessoal (através do recurso da conversa informal e da entrevista aberta, com a realização de cerca de 20 entrevistas com jovens) e na narrativa coletiva do tema (através dos *clippings* dos polissêmicos discursos emitidos nos diversos *media*, nas redes sociais e nas produções artísticas contemporâneas, em especial cinema e literatura). Essa última forma de abordagem será a mais utilizada neste artigo.

SOBRE A DESMOBILIZAÇÃO JUVENIL

A pesquisa sobre as *desmobilizações* juvenis procurou fazer um mapeamento vivo e dinâmico de um fenômeno ao mesmo tempo transversal e situado, cada vez mais onipresente nas sociedades contemporâneas e, simultaneamente, rarefeito, de apreensão fugidia, avesso a caracterizações estanques. Um fenômeno no qual a navegação analítica tem de se manter em contínuo estado de alerta, inventariando e reinventariando o campo de modo a constantemente separar o que nele é vitalismo e o que é captura. O que é o flagrar de novos modos de vida e o que é o reencontrar de velhas utopias apenas recicladas por uma cultura de consumo?

Por isso ressaltamos que, para conseguir dizer esse fenômeno, cunhamos um novo

conceito, a que já nomeamos anteriormente de *desmobilização*, numa conversa em contraponto com a expressão escolhida por Sloterdijk (2002) para caracterizar a modernidade enquanto “mobilização infinita”. Tal expressão vem sendo utilizada para descrever o processo fundamental da chamada Era Moderna. As modernizações apresentam, sempre do ponto de vista cinético, o caráter de mobilizações e é neste sentido que o progresso se expressa como a utopia cinética máxima da modernidade. Esta última caracterizou-se continuamente como progressiva e progressista, e desse modo acompanhamos com Sloterdijk que progressivo na sua essência é somente aquele “passo” que leva ao incremento da “capacidade de dar mais passos”. Estamos, pois, diante das fórmulas dos processos de modernização em que progresso é movimento para o movimento, movimento para uma capacidade de movimento incrementada (SLOTERDIJK, 2002, p. 32). A modernidade, seria, portanto, ontologicamente “puro ser para o movimento” (2002, p. 33).

Sintetizamos, assim, em um só termo – a *desmobilização* – um modo operativo comum e atravessador, manifesto em estudos de caso os mais diversos, que apontam para essa tentativa de fugir do excesso de “movimento” tipicamente moderno: dos retiros de silêncio às saídas dos centros urbanos rumo ao campo; das reinvenções nomadizadoras do trabalho às economias alternativas à economia monetária; dos “desencanamentos” no âmbito dos relacionamentos afetivo-sexuais à valorização da solitude; das decisões de “desplugar temporário” presente na renúncia à posse de telefones celulares ou de contas nas redes sociais às tentativas de frear a “dependência” do universo *on-line*, entre outros casos.

A tribuna da *desmobilização* nos munuiu, ainda, de uma perspectiva crítica capaz de expor de modo contundente as aporias do capitalismo, a crise da modernidade e a coincidência – por vezes perversa, por outras potente – entre o ápice do capital e o seu esgotamento. Isso porque a “subjetividade mobilizada”, na perspectiva de Sloterdijk (2002, p. 40), seria o tipo humano da alta eficiência, vibrante pela boa forma física, um tanto insensível à dor e extremamente pragmático. No quadro deste modo de operar

marcado pelo “mais” como valor, instauram-se regimes de urgência que têm como motor o progresso, a superação e o acúmulo. Se nossa pesquisa nos conduzia de modo contundente a uma cartografia do “menos”, do “mínimo” e da “memorização” diante da “mobilização infinita”, percebíamos em igual medida que esta se erigia a todo instante em confronto com vários outros fenômenos que marcam igualmente o nosso espírito de época: o recrudescimento cada mais célere do individualismo, assim como o agravamento das normatividades modernas e das mandatárias práticas de consumo e do produtivismo que concorrem lado a lado com o despontar dos novos cenários do decrescimento, fazendo parte do mesmo pano de fundo da contemporaneidade.

As experiências que vínhamos rastreando apontavam cada vez mais para um processo de “subjetividade desmobilizada”, em enfrentamento mais ou menos explícito deste sistema que, contemporaneamente, tem manifestado cada vez mais o seu próprio esgarçamento. Percebemos, assim, que estávamos diante de fenômenos vários na direção do “menos”, que sinalizavam uma busca por devolver espaço à emergência, ao não-mapeado e ao ilimitado.

Acompanhar as *desmobilizações* jovens contemporâneas colocou-nos como desafio a construção de uma abordagem metodológica singular. Ao habitual traçado etnográfico e recurso a entrevistas abertas, somou-se uma incursão sem precedentes às redes sociais *on-line* – sobretudo ao *Facebook* – na qual apostamos numa estratégia inusitada: a de que os próprios pesquisados poderiam funcionar como “curadores de conteúdo” para a pesquisa, na medida em que fossemos capazes de ativar uma espécie de escuta continuada de suas postagens, discussões e fóruns de conversa.

A metodologia adotada durante nossa pesquisa foi o “rastreamento descritivo” proposto por Latour (2005) com a sua teoria do ator-rede, de modo a nos permitir ir em busca de experiências várias que tenham na *desmobilização* o seu atravessamento comum. Diante da opção por uma abordagem nesses moldes, tornou-se quase que imediata a emergência de um objeto que escapa aos formatos tradicionais da pesquisa

em Ciências Sociais. Ou seja, em detrimento de um pré-delineamento do grupo a ser pesquisado recorrendo a variáveis macrosociológicas tais como classe, raça, gênero, faixa etária, nacionalidade etc., privilegiamos uma escuta apurada dos *inputs* que cada pesquisado nos oferecia, movendo-nos “de perto em perto” por meio de um circuito que ligava os atores por “similitude” operacional mais do que por “semelhança” social (Cf. DELEUZE, 2006). Esse procedimento nos permitiu que fosse o percurso por entre as experiências juvenis na sua diversidade de atualizações e modos de apropriação do atravessamento comum da *desmobilização* a nos indicar, como resultado bem mais fino e sutil, o enquadramento e a distribuição dos agentes. Um circuito, portanto, que ia se desenhando conforme avançava o processo de pesquisa. Trata-se, assim, de um modo de operar que se revela extremamente útil no desenho analítico de um mapa não generalizante. Ao expor os mais diferentes posicionamentos dos agentes em relação a uma mesma questão – no caso, a *desmobilização* – tal recurso revelou-nos que pode estar na controvérsia (e não na unanimidade) a relevância dos fenômenos, permitindo-nos fornecer uma compreensão muito mais disseminada e micrológica do socius – e mais próxima da concretude das vivências.

Assim, por meio dessa metodologia do “rastreamento descritivo”, não apenas encontramos e reencontramos continuamente os atores pesquisados em suas redes, acompanhando-os enquanto se moviam por diferentes posições relacionais, como também seguimos os seus registros, ditos e escritos, recolhendo diretamente das suas timelines o material a ser analisado – sob a forma de artigos jornalísticos, blogs pessoais, vídeos, fotos e tutoriais DIY (Do It Yourself).

Vastas e abrangentes são as possibilidades de tematização das *desmobilizações* atuais junto às populações jovens da cidade do Rio de Janeiro e das inúmeras interfaces que estas mantêm com as redes sociais. Entre essas últimas, um amplo destaque foi conferido às postagens de jovens voltadas para propostas alternativas de composição de outros mundos possíveis diante da “mobilização infinita”.

Sendo assim, os jovens interlocutores que

participaram de nossa pesquisa possuem em comum experiências de vida cujas principais marcas vêm esboçando agendas propositivas e formas criativas de operar a subjetividade diante da demanda constante de prontidão para a ação, da maximização da competitividade no mundo do trabalho e do permanente estado de alerta que vem atravessando seus cotidianos. Essas interpelações expressam a maciça torrente de um modo de produção capitalista que produz efeitos tanto no âmbito das vidas pessoais dos jovens, quanto na irradiação cada vez mais onipresente da vida digital. Os modos singulares encontrados pelos jovens para contornar tais excessos permitiram-nos vislumbrar o despontar de uma espécie de nova epistemologia da “paragem”, isto é, da tomada de distância frente ao turbilhão de um mundo cuja engrenagem parece se mover em direção à maximização incontrolável do progresso e da aceleração. Portanto, é a ideia-metáfora da “paragem” que inspira de maneira diferenciada vários jovens rumo a uma desmobilização e que fornece o título a este artigo. Por meio da “paragem” propomos acionar ao longo do texto um conjunto variado de “portas de entrada” a fim de desvelar as mais distintas desmobilizações jovens na atualidade. Adentrar por cada uma dessas portas foi, para nós, seguir uma série de encontros com diferentes jovens – muitas vezes uns indicados por outros, como num fio – que falavam sobre suas experiências e, aos poucos, tornavam mais visíveis a nós o rastreamento de cada uma dessas modulações da “paragem” e suas reconfigurações enquanto um nicho de reflexão e análise.

O SILÊNCIO, O SONO E O “RESPIRAR” COMO FORMAS DE DESMOBILIZAÇÃO

*Facebook Detox*⁴ é o título de uma matéria autobiográfica publicada em 26 de Julho de 2014 pelo colunista do jornal O Globo Arnaldo Bloch, e que é sintomática deste distanciamento, da necessidade de “respirar”, encontrar paz, alterar a “estadia” excessiva e frenética em determinados espaços e permutá-las por vivências de

tranquilidade e menor solicitação, distender, limpar, enfim, fazer um “detox”.

As razões que parecem conduzir Bloch a este desenlace apontam para a “suspensão” de uma realidade que se expressa como um fardo, conducente ao esgotamento de forças, a perda de energia. Uma “intoxicação” generalizada, digamos assim, tomara conta de sua vida nos últimos tempos, antes de sua opção pelo distanciamento, pelo desligamento. Assim, qualifica o jornalista o turbilhão de relações em que se vira envolvido e que o *Facebook* “engendra naqueles que gostam de explorar, como ele, todas as dinâmicas de pertencimento a um universo, seja ele paralelo, perpendicular ou oblíquo”.

Ao comentar os efeitos de sua saída do *Facebook* ele compara esta condição à da retirada de uma droga, - a desintoxicação - com a diferença de que neste caso ela ocorre de modo paulatino e gradual e no caso do jornalista tal experiência foi vivida de forma muito mais violenta, de uma vez só... Mas acompanhamos que, para a “montagem” da nova economia interna de Bloch esta retirada lhe devolveu aspectos da vida que desde há muito se encontravam, por sua vez, desativados: “o céu sem fotografia, os sorrisos de toda a gente, os papos bons, mais tempo para o piano da sua sala e para o amigo que quer conversar”. Vale insistir aqui nos efeitos de uma espécie de síndrome de abstinência pós-detox experimentada pelo jornalista quando ele se dá conta de um “vácuo” intersubjetivo diante de ações e gestos que não mais tinham a chance de se consumarem no seu cotidiano. Bloch, então, nos reitera: “a todo momento, diante do computador ou do celular, na rua, no carro, no trabalho, vinha-me o gesto automático de checar, no *Face*, os novos posts, os comentários às minhas próprias postagens, as mensagens pessoais, ou o impulso de publicar uma frase, um pensamento, uma foto, uma piada, e, imediatamente, a constatação de que não há mais um *Face* e que, em seu lugar, há uma vida a ser vivida sem muletas intersubjetivas”.

O blogueiro Renato Essenfelder ficou há três meses sem *Facebook*⁵ e sua experiência também nos leva a percorrer o traçado de um

4 BLOCH, Arnaldo. *Facebook Detox*. O GLOBO. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/facebook-detox-13387509> Acesso em: 12 de abril de 2016.

cotidiano vivido enquanto “suspensão”, alívio, diluição e espaçamento dos excessos, da conexão irrespirável. Uma cartografia da “paragem” - que se desloca do frenesi da vida plugada para o recesso meditativo - aqui se instala quando Renato diz que o “tormento” gerado pelo *Facebook* se reduz a dois tipos de problema: um de escala e outro de propósito. “Excesso, quantidade de contatos, volume de postagens, a sensação de ter sido tragado por um tsunami a meio caminho da destruição total”. A tais variáveis confere-se a condição de insaciabilidade, de exaurimento, tentáculos em ação de um regime incontido de urgência do capitalismo, onde, segundo as postagens de Essenfelder, “tudo é demais: pessoas, opiniões, certezas, tendências, novidades, problemas, polêmicas”. “Tudo ao mesmo tempo agora”, conhecido refrão emblemático de nosso espírito de época, é por ele acionado para queixar-se de uma característica sua, pessoal - a lentidão para chegar a conclusões - que é contraposta à convocação permanente do *Facebook* a termos opinião formada sobre o último programa de TV, a última declaração de um político, a última partida de futebol, a guerra, a paz, cinema, bolos, armas de fogo e cachorros...

Quanto ao propósito do *Facebook* - aspecto que Essenfelder elenca além da questão da escala - este não se resume a nada que se diferencie da mera avidez pelo lucro: “lucrar com nossas informações pessoais, com nossos comentários, com nossos olhos, mãos e bocas, lucrar com o mapeamento de nossos hábitos, com a oferta incessante de publicidade”.

Não muito longe da busca por “desintoxicação” empreendida por Bloch, por paragem e suspensão aspiradas por Essenfelder é possível encontrarmos atualmente, - nos tão divulgados retiros de silêncio, os *Vipassana* - uma espécie de continuidade metafórica com os modos de vida silentes e menores e cuja noção de movimento do mundo atropela e obstrui os nossos movimentos próprios.

Jovens brasileiros e europeus vem

demandando de forma maciça tais retiros de silêncio, onde, durante 10 dias ininterruptos uma média de 30 pessoas se reúne em áreas afastadas da cidade sem que se verifique entre elas nenhuma forma de comunicação verbal, escrita ou mesmo de acesso à leitura. Como vamos observar, este modo de funcionar traz, por sua vez, a quietude e a meditação como táticas de afastamento e de retração de arquiteturas subjetivas que também se encontram submersas em perplexidades, desorientações e impasses existenciais de toda ordem.

Cuscuz é um dos jovens com quem conversamos e que formata sua demanda pelos retiros de silêncio como uma espécie de “planta baixa” regularizadora de uma vida atravessada por altos e baixos, descontroles e ausência de rotina: o término de seu namoro, um “carnaval louco” em que ele trocara a noite pelo dia, a exigência de “colocar a mente no lugar”, o ritmo de grande intensidade de sua vida, a necessidade de relaxar e fugir das tensões. Todos esses aspectos acabam por desaguar na demanda por meditação, introspecção e inoperosidade. Tal como a articulação entre festa e inoperosidade empreendida por Agamben (2014) para o caso do sábado judaico, os retiros de silêncio, ao contrário de definirem-se como abstenção ou inércia, encarnam um novo modo de agir e de viver. Tanto para o caso do sábado judaico, quanto para os retiros de silêncio o que importa reter é que ambas ações como fruição não estão ligadas a uma função ou a uma finalidade. E no cardápio de razões que levaram Cuscuz a esta experiência de retirada não se pode traçar, de fato, uma finalidade em seu sentido produtivo, mas sim, um feixe de questões que se relacionam a uma forma de “nebulosa” imprecisa de solicitações de seu dia a dia que necessitam “dar uma parada”.

Salta aos olhos como o recurso ao mesmo retiro de silêncio por parte da jornalista Eliane Brum⁶, da revista *Época*, já é capaz de transitar pela ideia da “viagem imobilizada” em torno de seu próprio corpo, quando a meditação assume

5 ESSENFELDER, Renato. Três meses sem Facebook. Estadão. Disponível em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/renato-essenfelder/tres-meses-sem-facebook/>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

6 BRUM, Eliane. O inimigo sou eu. *Época*. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI4711-15257-7,-00-O+INIMIGO+SOU+EU.html>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

uma real condição de transformação em sua vida. Neste caso, trata-se de um distanciamento capaz de conquistar para si a paragem e a fixação de um corpo em sua feição de interioridade e ao qual, ela, até então, não parecia ter tido acesso. “Esta é uma expedição de dez dias, - ela assinala - mais de cem horas de olhos fechados, sem sair do lugar e sempre para dentro. Ao avesso de qualquer outra aventura, quanto mais longe, mais perto estava de mim. Neste mundo em que todas as geografias já foram devassadas – e a maioria delas devastada – talvez este seja um desafio mais real”.

A conquista de um desafio real em contrapartida a tantas geografias devassadas e devastadas, os olhos por tantas horas fechados, o corpo sem sair do lugar e sempre para dentro - são condições que trazem implícita uma bagagem mobilizada cuja “falência” a jornalista parece estar perscrutando com o ineditismo deste encontro...

O afastamento de um estado de coisas, que até então eram compreendidas como estáveis, duráveis e permanentes e que, além disso, eram assim consagradas pela própria profissão de jornalista que “pereniza” a realidade através da escrita - encontra o seu limite, sua aporia. E ela assim nos reitera:

era difícil tornar qualquer coisa permanente depois de compreender – de forma tão radical – a impermanência da realidade. Eu, que me tornei jornalista na ânsia de capturar o real, me encontrei nesse impasse. Escrever era tornar permanente o momento, o acontecimento fugaz, era impedir que algo fosse embora. Parecia impossível voltar a fazer isso. Na ponte aérea da volta, peguei o jornal e nenhuma notícia parecia fazer sentido, ter importância.

A impermanência do real que aparece aqui como positivizada e fruto de uma conquista, de uma revisão que Eliane constrói sobre sua própria profissão, tem origem em um fator de situação - que é peça central nos mundos internos em questão: o “achado” da meditação. Através do *Vipassana*, Eliane nos diz ter realizado uma viagem “para um lugar bem exótico: o seu próprio corpo”. Em seguida, sob a égide de um mundo cujo ritmo de trabalho se encontra cada vez mais precarizado, seu depoimento revela algo

em torno de seu próprio corpo que ela nunca pôde se dar conta de existir: “Na tarde do oitavo dia, consegui praticar vipassana. Em minha viagem por cada centímetro do corpo ou apenas seguindo o fluxo de sensações, eu encontrava as regiões ‘duras’, dolorosas. Sentia, investigava por um minuto, como se fosse uma cientista examinando um território neutro, e seguia sem desespero”.

A imposição ao corpo humano de um modelo maquínico de duração e de eficiência (CRARY, 2014), na exacerbação de consequências da globalização neoliberal e de processos mais extensos da modernização ocidental, parece irradiar seus efeitos, assim como apontar suas linhas de fissura e percepção de brechas até então desconhecidas... Para além do acúmulo de coisas, etapa já superada no âmbito do capitalismo tardio é, possivelmente, também de acúmulo que se trata quando a referência é dada por corpos e por identidades que assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes letal (cf. CRARY, 2014).

Os soníferos e os antidepressivos - geralmente consumidos por Ana Luiza (outra adepta dos retiros de silêncio e também nossa entrevistada), em momentos de grande stress e angústia - estão na gaveta, embora ela não mais a eles recorra, pelo menos com a mesma frequência a que estava acostumada antes da ida para o retiro. Falta de disciplina, rotina demasiadamente burocrática, ausência de concentração, muita ansiedade, desencanto com os métodos da psiquiatria tradicional, são algumas das razões que justificam a opção de Ana Luiza pela retirada. Ou seja, todos esses aspectos parecem ser consequência de um estado de coisas que nos últimos tempos vinha avassalando e tomando conta de seu cotidiano: a angústia e a pressão diante de um mercado de trabalho competitivo e asfíxiante e para o qual ela vinha se preparando na condição de “concurseira” para o serviço público. Desta experiência provinham “emoções à flor da pele tanto pela competitividade que a atravessava, quanto pela tristeza de estar só”.

A passagem do tempo como objeto de novas e inusitadas experimentações estão na base das táticas de distanciamento que estamos acompanhando. E se, de um lado, a retirada pelo

silêncio deságua na intensificação e no valor de todo intervalo ou variação; de outro lado, também o sono (CRARY, 2014), como último foco de resistência diante do aceleracionismo do capitalismo, nos envia ao crucial registro do intervalo, do justo-meio (JULLIAN, 2002), momento de suspensão, da suficiência, tão reivindicado pelos “engolfados” pelo tempo sem tempo, tempo-pressão, todos eles atravessados pelo traçado também já desgastado dos dispositivos tecnológicos.

Os *smartphones* e as previsões de um mundo ubiquamente subjogado por seus estímulos e demandas vem dando margem às criatividades adaptadas a um tempo de clamor pela vida *off-line*. Em meio a esta atmosfera onde a pausa e a paragem vêm se tornando anseios significativos em contraposição à vida ininterruptamente plugada, a designer polaca Agatha Nowak criou uma cadeira *off-line*. Através dela é possível se obter a tão aspirada “pausa” do mundo *on-line*. A cadeira é feita de um tecido especial que bloqueia o som a nossa volta e que conta ainda com um bolso especial que é colocado na parte interna deste dispositivo para que ali “repouse” o *smartphone*, impedido de contatos com sinais *wi-fi* e com outros telefones celulares. Ao olharmos a imagem da cadeira - que nos dá a impressão de assepsia, leveza, maciez e conforto, mas que, ao mesmo tempo, expressa uma espécie de abrigo fechado, capaz de nos manter protegidos do alcance das tentações e assédios do mundo *on-line* - damos conta do quanto o significado contemporâneo da dimensão da “pausa”, da “suspensão”, de uma forma, enfim, de *époche*, ativam e acionam uma nova sensibilidade estética que encontra fonte de inspiração no próprio *design*. Este é balizado e situado pelo campo de ação direcionado à proteção e ao refúgio dos sujeitos frente a uma realidade ruidosa, “viciada” e capaz de disseminar o atordoamento nas vidas cotidianas ávidas pela paragem, por fazer deserto (DELEUZE & GUATTARI, 1997).

A ênfase na necessidade de respirar frente ao que a cada dia vem sendo compreendido como o “sufoco” e o excesso das demandas e

solicitações tecnológicas sobre os indivíduos, também encontra forte eco em uma prosaica e, ao mesmo tempo, eficiente propaganda de chocolate: “have a break, have a Kit Kat”⁷. A necessidade de respirar integra-se aqui ao espírito central de uma campanha promovida pela agência holandesa JWT Amsterdam, cuja intenção é promover a expansão de inúmeras áreas sem *wifi* em várias partes de cidades europeias. “*Kit kat* nos dá um respiro com suas novas zonas sem *wi-fi*”. A propaganda alude às transformações pelas quais passaram nossas formas de comunicação - desde à época em que as famílias ficavam noites insones à espera de seus filhos impossibilitados de se comunicarem com eles para dizerem se estavam bem, até o que seria a “asfixia” dos tempos atuais onde comunica-se ininterruptamente, 24 horas por dia... Promove-se aqui um deslocamento ainda que temporário das chamadas ininterruptas dos e-mails, das mensagens de *WhatsApp*, das redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter*, e inúmeras outras circunstâncias de um mundo *on-line*, que hoje, segundo a propaganda estende-se até o “pico do Everest”. Mais precisamente, a qualquer pessoa é viabilizado um raio de cinco metros de afastamento e bloqueio dos contatos plugados e aí encontram-se confortáveis bancos circulares de madeira, pintados de vermelho (a cor da embalagem do chocolate) onde é possível se sentar para ler um livro, um jornal, conversar com outras pessoas e passar algumas horas respirando e “saboreando” um *kit-Kat*...

DO “CONTRA” AO “COM”: DESMOBILIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E A CONTRACULTURA REVISITADA

A paisagem de tais recomposições que aqui apresentamos sobre as *desmobilizações* nos dias de hoje convoca-nos a uma crucial reflexão sobre as contrapartidas de sentido entre os atos de resistência e de ruptura, característicos das décadas de 1960 e 1970 do século XX, e as manifestações deste século XXI, que expressam condições predominantes de adaptabilidade e

7 Comercial Kit Kat #MEUBREAK. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0j1p04uf1U>. Acesso em: 02 de junho de 2016

reinvenções contingenciais de si. Romper e resistir, portanto, enquanto atitudes emblemáticas do repertório contracultural e das binárias políticas de “oposição *versus* situação” do século XX, parecem ceder terreno e força a inúmeras outras combinatórias. Estas, cujos eixos de ancoragem – sempre movediça –, se estabelecem ao longo das adequações multifacetadas, situacionais e astuciosas que vêm-se operando junto as populações jovens do século XXI, são marcadas por um manuseamento atento e resiliente de circuitos e pelo redesenho de mundos a partir de abordagens locais e contingentes.

O percurso conceitual e analítico que atravessa o interjogo dos contrastes e aproximações entre o cenário contemporâneo e a visão de mundo das manifestações contraculturais foi objeto das reflexões de pesquisa que nos ocuparam ao longo dos últimos 15 anos no CESAP/ IUPERJ/ UCAM. Essa insistência no mapeamento das culturas jovens por desdobramento lento e a partir de uma presença continuada em campo, permitiu-nos construir uma “perspectiva trajetiva” – movendo-nos junto com os próprios processos pesquisados.

Ao longo destes anos, percorremos diferentes aspectos das formas de vida ditas “jovens” (cuidados de si e construção do corpo e da imagem, relações afetivas e de amizade, usos da cidade e das tecnologias, práticas de diversão e lazer, percursos de carreira profissional e modos de relação com o mercado de trabalho, etc.), permitindo-nos reabrir incontáveis vezes a própria categoria “jovem” e deixando que esta apontasse os caminhos para a sua constante reformulação. Abordando as “culturas jovens” de modo não reificado e não identitarizante, encontramos o seu constante refazer em funcionamentos transversais que, em conjunto, têm dado a ver os contemporâneos processos de subjetivação na sua incessante rematerialização da consistência do que é “ser jovem”.

Durante esse extenso período, lentamente se impôs um contraponto não intencional entre esses funcionamentos subjetivos atuais e suas (des)continuidades frente aos modos operativos contraculturais, envolvendo temáticas e contextualizações diversas. Tal percurso nos viabilizou construir um amplo mapa de categorias, capaz de problematizar não somente

os conteúdos, mas também os mecanismos que se visibilizam e que são acionados ao longo do espectro de rupturas/aproximações operadas entre esses universos. Residiu, pois, no exame atento das *disjunções* entre conteúdos e funcionamentos presentes nesses contextos, a chave para a compreensão das arquiteturas subjetivas jovens em questão.

A contracultura não era o tema disparador de nossas pesquisas e, no entanto, surpreendentemente, ela acabou por se instalar como peça central em nossas “manobras” conceituais, que reiteradamente sinalizavam uma tendência nos processos de subjetivação jovem contemporânea: tendência de passar *do contra ao com*, da resistência à resiliência, da fuga/escape à presentificação, do individualismo radical à colaboração, *do drop-out ao drop-in*. Destacamos aqui duas pesquisas que nos parecem paradigmáticas no traçado dessa passagem ao modo operativo do *com*, no qual a marca do funcionamento jovem deixa de repousar numa “atitude contra” para se construir, sobretudo, numa capacidade transitiva e flexível de “fazer com o que se tem”, jogando *com* as circunstâncias a partir de dentro, num funcionamento por liberação, processualista, que convoca o coletivo, o juntos e a colaboração como modos de lidar com as manobras de captura do sistema. Gostaríamos de nos referir, portanto, à pesquisa “As substâncias e as cenas”, que desenvolvemos entre 2003 e 2007, sobre o consumo de substâncias sintéticas entre jovens frequentadores das cenas eletrônicas cariocas e, a seguir, à pesquisa “Profissionalização da criatividade e criativização da profissão”, que nos ocupou entre 2008 e 2012, na qual abordamos o universo da criatividade entre jovens em processo de iniciação de suas carreiras profissionais no Rio de Janeiro.

Na pesquisa sobre o consumo de substâncias sintéticas em festas de música eletrônica, “todo um imaginário contracultural se apresentava como legado quando se abordava o consumo jovem de drogas e a questão de pensar as rupturas e continuidades de um uso contemporâneo frente a esse estofado de imagens e de dizeres que se impôs como inevitável” (ALMEIDA & EUGÊNIO, 2007, p.156). Durante a realização desta investigação propusemos, então, um exercício comparativo entre dois *emblemas* geracionais: um deles

protagonizado por sujeitos que foram jovens nas décadas de 1960/1970 e pelo movimento contracultural que lhes serviu de paisagem, e o outro, pelos sujeitos frequentadores das cenas eletrônicas contemporâneas. Em ambos os casos, o recurso às “drogas” teve papel fundamental nos processos de singularização e na apresentação de si dos sujeitos envolvidos. Dos resultados dessa reflexão, foi possível extrair importantes subsídios para as arquiteturas subjetivas jovens que em muito extrapolavam as suas relações com o mero consumo de “drogas”. Em outras palavras, este último serviu-nos como trampolim para acessar entre esses jovens à época, inúmeros outros aspectos de suas trajetórias existenciais, afetivas, profissionais, familiares e de suas intercessões com posturas de ruptura, transgressão, composição, continuidades, transcendência e imanência.

Aquilo que, na ocasião da pesquisa, chamamos de “discursividade transcendente” e “discursividade imanente”, referia-se, ainda que não de modo antagônico ou meramente opositivo, aos dois imaginários geracionais no sentido que aqui nos interessa. Por meio do recurso a essas noções-síntese encontramos mais elementos para se pensar os redesenhos da subjetividade nas trajetórias jovens, que vão das socializações da ruptura às novas composições resilientes e temperadas contemporâneas, que se expressam antes por modos singulares de conciliação do que pela negação direta. Transcendência e imanência, ainda que remetidas ao universo das drogas, dilatam em muito este âmbito, cobrindo aspectos de economias internas atravessadoras de ambos repertórios geracionais. Assim, em seu matizado escopo de recurso às substâncias psicoativas, aqueles jovens das décadas de 1960/1970 permitiam-nos entrever que as drogas abrangiam em suas vidas um lastro muito mais amplo de significados, que não se reduzia à mera relação com a substância em si. A relação com a natureza, a ludicidade, a expansão da consciência, o autoconhecimento, o companheirismo, risos, etc., eram alguns entre vários outros desses aspectos que transcendiam, que iam além do estrito consumo da droga.

Na “discursividade imanente” – que sintetiza a geração dos jovens da cena eletrônica na passagem do século XX para o XXI – é outro o traçado que emerge, onde a droga não ultrapassa os seus

limites de fruição material, física e motora. Nos processos subjetivos guiados pelo mecanismo desta discursividade, o corpo inscreve-se como agente e suporte relativizador da transcendência, como condutor-chave para o acesso à experiência presentificada com a “droga”. “Você está ali como jamais estive”, nos disse, à época, um dos jovens com o qual convivemos. A dimensão corporal e seus desdobramentos nos permitem inferir sobre uma espécie de “subjetividade encarnada”, que não excede o perímetro da própria interação dos sujeitos com as substâncias.

Na segunda pesquisa a que nos referimos, exploramos os funcionamentos coletivos de trabalho em equipe entre os jovens, a criação colaborativa e as táticas de liberação no interior de um inclemente mercado capitalista de trabalho (ALMEIDA, 2012). Nas intercessões entre criatividade, juventude e profissionalização, foi igualmente possível captar processos de “autonomias táticas e astuciosas” presentes nas formas de se lidar com situações, como a competição, a normatização e o controle, e de outro lado, também com as lógicas das brechas e da liberação diante de um capitalismo cuja captura faz-se a cada dia mais inexorável.

Ao longo, pois, de bem mais de uma década, foi se tornando possível mapear um amplo circuito de manifestações das subjetividades jovens que hoje se traduz em um trajeto que vai da resistência à resiliência, e por meio do qual acompanhamos as grandes linhas de transformação entre os legados contraculturais e o contexto da contemporaneidade.

Todo esse percurso nos conduziu a indagar: como se configura hoje, para o contingente jovem de nossa sociedade, a dimensão do “contra”? Que caminhos são trilhados para a expressão do descontentamento, da insatisfação, da crítica ao sistema, da oposição? Certamente, é possível supor, numa primeira aproximação, que o mal-estar contemporâneo não vem se expressando por intermédio dos convencionais mecanismos de resistência, de ruptura e de oposição massivas em relação ao seu entorno. Parece-nos, ao contrário, que o próprio intercâmbio de forças dentro/fora, interno/externo vem se reconfigurando de tal modo que hoje visibilizamos um “contra” que se faz “com”, que se opera de dentro, na sensibilidade aos fatores e características da

situação, nas conciliações possíveis, temperadas e sutis. Tais modos de proceder e de operar não excluem, porém, a presença do “dissenso” (RANCIÈRE, 2006) e das oposições, mas o que salta aos olhos é a mudança na forma de funcionamento das subjetividades quando discordam, quando se opõem, quando reagem... Temperança, conciliações contingentes e situadas, manifestações descentradas e assistemáticas, são alguns, entre vários outros recursos que parecem compor esses novos funcionamentos, assim como uma dilatada clareza da multiplicidade dissensual descentrada até mesmo da perspectiva meramente humana ou antropocêntrica, para incluir também a “natureza” e o mundo “não humano” como componentes cruciais de todos os pleitos, mesmo os outrora “identitários”.

Em simultâneo à notável emergência de formas de vida inclusivas e disponíveis ao diálogo, marcadas por um empenho em tornar prática uma conscientização mais transversal e menos autorreferida, que inclui no seu próprio dizer-se mesmo os modos de ser e de fazer que lhe são dissonantes (novos feminismos, novos ambientalismo, novas lutas minoritárias, em que já não é preciso ser parte do grupo estigmatizado para reivindicar os direitos destes e buscar praticar a sua inclusão concreta, seja através da adoção de novos vocabulários mais atentos, seja nos modos como se educam as crianças ou se negociam as relações afetivas, familiares e profissionais), vemos também, como parte do mesmo cenário, um recrudescimento dos discursos de ódio e uma espécie de revivalismo de posturas fascistas. Seguindo o mesmo percurso que aqui buscamos analisar – a de que o ápice do funcionamento capitalista é também o seu esgotamento – parece dar-se algo similar com os funcionamentos sociais de convivência com a diferença: um último e mais estridente grito de ódio é emitido por aqueles que reproduzem o sistema normatizador que colapsa, no mesmo passo em que se assiste à proliferação das microdiferenças, ao seu espalhamento como modos de vida legítimos, flexibilizando o tecido social e complexificando as anteriores oposições binárias identitarizantes, sejam elas de gênero, classe, raça ou etnia, poder aquisitivo, grau de instrução, etc. Mas não se trata de uma “luta já ganha”. Sublinhamos aqui uma tendência, consoante com os processos de

desmobilização que abordamos neste estudo. Uma tendência, entretanto, que se faz e refaz todo o tempo em relação-tensão com um sistema que, mesmo exausto e visivelmente exposto em sua perniciosidade manipuladora, segue capturando. A força da *desmobilização*, entretanto, se nota quando esta revela que não está adotando definitivamente a mesma tática do “contra” de outrora.

É assim que, por intermédio de uma longa trajetória de pesquisa, foi se tornando possível mapear as sutilezas deste processo por meio do qual, lentamente, os processos de subjetivação têm encontrado modos de se fazer nas brechas, na anti-reprodução dos modelos do capital sintetizados pelo homem-branco-heterossexual-europeu, mas também sem procurar substituí-lo por outro modelo: em vez de um antimodelo igualmente normatizado, o que temos percebido nos percursos das subjetividades juvenis contemporâneas é a emergência e o espalhamento de funcionamentos por *modulação*. E foi do esforço continuado em seguir os seus traçados por “rastreamentos descritivos”, que foi se desenhando o diagrama da subjetividade jovem em sua feição *desmobilizadora*, enquanto formas atualizadas da resistência contracultural.

Numa abordagem ligeira, muitas vezes tais manifestações são tomadas como um mero “reviver fora de época” da temática contracultural, mas essa aproximação se verifica meramente no plano dos *conteúdos* manifestos de tais composições – se atentarmos para os *funcionamentos*, veremos manifesto um mecanismo muito diverso: aquele que, como já sublinhamos, opera por “com” e não por “contra”. Entretanto, é notável a reemergência das temáticas, e é particularmente interessante acompanhar as diferentes nuances que assumem quando são “repraticadas” por meio de outros funcionamentos. Por exemplo: as iniciativas atuais de combate ao consumismo excessivo; o aproveitamento do lixo como fonte de energia; a busca de práticas de meditação, reclusão e silêncio; a saída das grandes metrópoles para o campo; o recurso a uma alimentação saudável, orgânica e livre de agrotóxicos, etc. Ou ainda, no plano mais próximo à esfera da economia, as iniciativas que reativam a prática do empréstimo, da troca e da doação em detrimento da compra, a crítica ao próprio uso do dinheiro e a invenção de moedas

locais e economias alternativas; a proliferação das feiras de gratidão, onde a tônica reside na doação recíproca de bens; assim como também a permuta de serviços e habilidades entre jovens que não são atravessadas pelo meio pecuniário; o crescimento do número de pessoas que possuem suas próprias hortas e dali extraem grande parte de seu sustento, etc. Toda essa agenda existencial, digamos assim, em muito nos aproximaria daquilo que vários autores sugeririam chamar de movimentos neorromânticos, neo-hippies ou mesmo de uma espécie de clamor contracultural revivido. Veremos porque não é exatamente disso que se trata.

Talvez não precisemos ir mais longe nas linhas de investigação e diagnósticos sobre a contracultura para termos em mente que o privilegiamento do espontâneo, da irresponsabilidade, das resistências entre gerações, das francas oposições entre pais e filhos, da liberdade sem freios, caracterizaram um ideário capaz de revelar acentuados contrastes com a proposta desmobilizadora que recorrentemente tem se manifestado em nossas pesquisas nos últimos 15 anos. Isso significa dizer que, se pudéssemos resumir o legado contracultural numa única expressão passível de nos remeter ao âmago do contraste com os processos contemporâneos da desmobilização jovem, ela seria a *inconsequência*. Procuramos demonstrar a ampla gama de fenômenos que são recorrentes e que aproximam a contracultura da desmobilização, mas isso apenas enquanto ambos fenômenos estejam subsumidos pelo plano de seus conteúdos. Sob essa ótica, como foi exemplificado, seria possível alcinhar o que hoje se passa nas subjetivações jovens como um movimento neocontracultural, se temos em mente, por exemplo, o desejo desses jovens de sair das grandes cidades, viver com menos dinheiro e reduzir seu consumo.

Nosso alerta, porém, consiste em demonstrar que se trata agora do limiar de um novo modo operativo de se lidar com essas questões cujas nuances se situam no âmbito da consequência, da suficiência, do “justo-meio” (JULLIEN, 2000), de uma “tomada de distância” (AGAMBEN, 2014) tática e sutil frente ao capitalismo que nos açambarca na contemporaneidade.

Se apostamos hoje em modos de vida

regidos pelo “menos”, pelo “mínimo”, pela “memorização” (DELEUZE, 1992), tais buscas não expressam um veto absoluto de um mundo para se entrar em um outro. Consumir menos, por sua vez, não significa deixar de consumir. É diante dessa decantação dos matizes que vão da resistência à resiliência que nos debruçamos, quando tratamos de uma sensibilidade no plano de seu funcionamento, dos mecanismos que ali estão em jogo para além das similitudes de suas formas. E cabe aqui estendermos um pouco mais o “tabuleiro” das variáveis que compõem o modo operativo com o qual estamos trabalhando.

CONCLUSÕES

A resiliência está sendo vista aqui neste artigo como apanágio das *desmobilizações*, assim como aquelas situações que exemplificam a conquista do “justo-meio” enquanto “igual possibilidade de todos os extremos” (JULLIEN, 2000), sem estarmos à mercê do predomínio assertivo das normatividades intransigentes, prerrogativa das grandes mobilizações da modernidade. É, pois, a partir dos vácuos e dos intervalos que vão se perfazendo no âmbito de tais normatividades, que se procura farejar as brechas *desmobilizadoras*, capazes de perfurar, ainda que contingente e tentativamente, conteúdos previamente interditos ou prescritos para os sujeitos. Com Jullien (2000), nos sentimos estimulados pela possibilidade de jogar com todos esses conteúdos localmente por meio de uma ética que se dá por *regulação*. Assim, por exemplo, acompanhamos mais um passo no traçado da resistência (ruptura) à (re)existência, em que, no gradiente do justo-meio, nada necessariamente quebra ou se rompe, e uma flexibilidade prudente e cuidadosa parece instalar-se nas subjetividades descentradas e “astuciosas” (DE CERTEAU, 2008).

Ao se lidar com o fenômeno da obsolescência programada, por exemplo, garimpamos casos em que uma espécie de congruência imanente a essa situação – isto é, uma regulação como normatividade imanente – nos distancia da ideia de que somos subjugados, necessariamente, a tal obsolescência por qualquer força heterônoma de controle ou sufoco. Diante da asfixia do consumo e do “torniquete” do sentimento de desatualização dele derivado, acompanhamos variadas práticas

que vem sendo recentemente acionadas na direção de conciliações operadas pelos sujeitos como vias de amortecimentos, encaixes e adaptabilidades criativas que se desenham diante das ações e do crivo da obsolescência “calculada”. Por exemplo, a atenção dada a iniciativas como as do reparo, dos pequenos consertos e retificações de objetos, o recurso aos empréstimos substituindo a compra ou troca de produtos e bens, e, ainda, a proliferação das feiras de gratidão, assim como a revalorização da vizinhança como suporte e ajuda recíprocos.

Todos esses movimentos convergem para o exercício de uma *lógica consequente*, em que se faz valer o justo meio como entre-lugar em que se acompanha, por exemplo, um acoplamento entre as instâncias do prazer, da viagem e do ganho financeiro compreendidos em um só gesto. Iniciativas como a de realização de trabalho remoto, assim como a articulação entre trabalho e itinerância, também são manifestações das combinatórias de singulares composições situadas, pequenas e localmente reguladas.

Num esforço de lançar um renovado olhar sobre os quase míticos personagens da literatura antropológica clássica, os aborígenes australianos, Danowski e Viveiros de Castro (2014) sublinham aquilo que podemos aprender com eles nesses contemporâneos cenários de esgotamento dos funcionamentos ocidentais: seus diferenciais de resistência marcados pela singeleza, pelas soluções locais e minimalistas, mas capazes de, ao mesmo tempo, revelar a construção de relações agenciadas e potentes. É nessa direção que os autores nos convocam a pensar sobre o quanto as pequenas ações, moleculares, nada dizem sobre a impossibilidade ou dificuldade de ação, mas, ao contrário, sobre o quanto são elas capazes de apontar o desmantelamento porvir da frente da modernização pela via da intensificação não-material de nossos modos de vida.

As composições ou soluções locais pertinentes a realidades menores, discretas e consequentes também se incluem na tematização de Danowski e Viveiros de Castro (2014) sobre as inovações técnicas para a “resiliência” da espécie. Para esses autores, “tais inovações podem prescindir dos canais corporativos da *Big Science* e não necessariamente passam pelas longuíssimas redes de humanos e não-humanos mobilizadas

pela implementação de ‘tecnologias de ponta’” (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 131). Essa tomada de posição é igualmente corroborada por Latour (2012), quando fala sobre os diferenciais de resistência entre os aborígenes australianos:

(...) Que sua materialidade seja fraca aos olhos colonizadores não diz nada sobre a inventividade, a resistência e a durabilidade desses agenciamentos. Para conservar as chances de negociação sobre os sucedâneos dos atuais dispositivos de produção, é fundamental restituir aos seres da técnica uma capacidade que os libere inteiramente de sua pesada instrumentalidade. Liberdade da manobra indispensável para inventar os dispositivos a serem empregados quando for preciso desmantelar a impossível frente de modernização (LATOUR, 2012, p.234-235).

Essa atenção ao contingencial e esse reconhecimento da potência do precário quando este deixa de ser adjetivo pejorativo para nomear o possível estão também presentes nas retomadas atuais da filosofia do acontecimento, onde

o possível não mais orienta o pensamento e a ação de acordo com alternativas pré-concebidas, do tipo ou/ou: capitalistas ou trabalhadores, homem ou mulher, trabalho ou lazer etc.; trata-se de um possível que ainda precisa ser criado. E esse novo “campo de possíveis”, que traz consigo uma nova distribuição de potencialidades, desloca as oposições binárias e expressa novas possibilidades de vida (LAZZARATO, 2006, p.18).

Todos esses aspectos que transitam com maiores ou menores “tropeços” da resistência à resiliência encontram no “virar” um modo capaz de traduzir como é possível se lidar com situações a partir “de dentro”, numa nova geografia das espacializações dentro/fora que foram astuciosamente redesenhadas na contemporaneidade.

O “virar” pode ser simultaneamente entendido por meio de três acepções fundamentais, e resume o *modus operandi* que vem “tomando lugar” nas práticas *desmobilizadoras* contemporâneas. De partida, pode ser entendido como “o fazer com o que se tem”, ou seja, uma

disposição para trabalhar com aquilo que existe ao dispor imediato e suficiente, transformando consecutivamente as condicionantes em condições. A seguir, esse modo operativo também expressa “um aprender enquanto se faz”, encarnando um exercício retroalimentador entre o pensar e o fazer. E finalmente, o “virar” também carrega uma dimensão migratória que se processa tanto nos deslocamentos espaciais e geográficos quanto na contingência dos sujeitos “virarem” uma condição diferente daquela que os caracterizavam até então, como, por exemplo: João, de *designer*, “virou” DJ e passou a organizar festas *funk* na cidade sem, contudo, perder seus vínculos com a comunidade de *designers*.

Se retomamos o início desta reflexão e sua ênfase sobre as (des)continuidades entre as resistências – marca emblemática dos movimentos contraculturais – e a crescente aposta nos contextos de adaptabilidade e de adequação às situações – apanágio das reinvenções resilientes de si, vamos encontrar no modo operativo do “virar”, um protagonismo singular para a demarcação das diferenças, das aproximações e distanciamentos que transitam entre ambos esses registros.

Se hoje é possível, por exemplo, nos darmos conta, entre os funcionamentos jovens de “gerenciamento suficiente de si”, das conciliações e redes de adaptabilidade entre diversão e inserção profissional como mundos retroalimentados, também é possível testemunharmos funcionamentos coletivos de trabalho em equipe, criação colaborativa e táticas de liberação no interior de um draconiano mercado capitalista de trabalho.

Em suas ágeis, mutantes e sensíveis margens de manobra que atravessam as subjetividades contemporâneas, “o virar” converte-se na ferramenta tática capaz de expressar o sutil divisor entre o imperativo da “escolha que exclui todas as outras”, preconizado pela modernidade (ou o destino militante da luta armada ou o enquadramento acríptico ao sistema) e a “escolha que não desescolhe”, ou seja, que se remete indefinidamente à lógica das combinações

arbitrárias da pós-modernidade.

Na incursão que ora estamos realizando aos universos da desmobilização, afastados de ambos esses modos de perceber o primado da escolha, apostamos em uma outra forma de funcionar e operar esta diferença que não se nutre nem da escolha excludente nem da panóplia do valeduto. Mas, sim, da formação de uma sensibilidade cada vez mais conducente aos fatores de situação – que tem no “virar” o seu motor principal. Este ativa a escolha de modo transversal e situado, enquanto um atento exercício de composição que se opera através do cuidadoso manuseamento e da contínua filtragem das peças que o integram.

Finalmente, vale aqui uma relação de aproximação entre os jovens com os quais trabalhamos ao longo desses anos de pesquisa e o sentido do contemporâneo (AGAMBEN, 2014) como aquele que “não coincide verdadeiramente com ele mesmo, nem se adequa às suas exigências e é, por isso, nesse sentido, *inatural*; mas, precisamente por isso, exatamente por meio dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais que os outros, de perceber e apreender o seu tempo” (AGAMBEN, 2014, p. 22). Imersos, portanto, nos modos operativos do “virar”, esses jovens tendem a não protagonizar ou robustecer os processos de “mobilização infinita” da modernidade, ou seja, não parecem submersos às convocatórias da ordem do dia, às permanentes atualizações das práticas aceleracionistas do consumo. Por aderirem ao tempo por meio de uma dissociação e de um anacronismo – numa palavra, por tomarem distância frente a ele – a esses jovens poderíamos chamar de “contemporâneos” no sentido de Agamben. Estabelecem eles uma relação bastante singular com o próprio tempo: aderem, e ao mesmo tempo tomam distância em relação a ele, o que, em muito aqui nos distancia do tempo apegado, inexorável e adesista da contracultura. Como sublinha Agamben (2014), não se trata de atribuir ao sujeito contemporâneo a pecha da nostalgia, por mais que ele não goste de seu tempo, ele sabe, contudo, que dele não pode escapar, pois lhe pertence irrevogavelmente... São, pois, as brechas originárias da não

21 Twink é um termo usado entre gays para se referir a homens muito jovens ou adultos com aparência jovial, associada a um corpo magro, sem pelos (“liso”) nem marcas de expressão, e imaginado como preferencialmente “passivo” no sexo.

coincidência entre aqueles que pertencem ao seu tempo, mas que não estão adequados às suas pretensões – tornando-se inatuais – que vem sendo ocupadas pelas táticas do “virar”. Nelas, acima de tudo trabalha-se com o que se tem, aprende-se fazendo, migra-se subjetivamente, na margem do anacronismo e das dissociações, nos intervalos gerados pelas posições de desencaixe, das sobras imaginativas, das tentativas de operar novos encaixes situacionais e contingentes...

Se, como ainda nos reitera Agamben, é o contemporâneo que quebrou as vértebras de seu tempo, mais ainda se levanta para nós, o modo operativo do “virar” como potência que trabalha na fenda, na voltagem precisa desta espécie de “virada ontológica” que os movimentos desmobilizadores nos parecem oferecer.

Ainda na senda aberta por este autor, “é o contemporâneo que faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações” (AGAMBEN, 2014, p.32).

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. “Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & PAIS, José Machado (orgs.), *Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGÊNIO, Fernanda. “O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da Internet no Brasil”. In: NICOLACI-DACOSTA, A. M. (org.), *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro, Puc-Rio, 2006.

_____. “Paisagens existenciais e alquimias pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às ‘drogas’ no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas”. In:

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & NAVES, Santuza Cambraia. *Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura*. Rio de Janeiro, Sete letras, 2007.

CRARY, Jonathan. *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo, Cosac-Naif, 2014.

DANOWSKI, Déborah & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis, Cultura e Barbárie/ Instituto Socioambiental, 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer – volume 1*. Petrópolis, Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

_____. “Os intercessores”. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo, Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – volume 4*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.

JULLIEN, François. *Um sábio não tem ideia*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

LATOUR, Bruno. *Enquête sur les modes d'existence: Une anthropologie des Modernes*. Paris, La Découverte, 2012.

_____. *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*. London, Oxford University Press, 2005.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

_____. “O dissenso”. In: NOVAES, Adauto. *A crise da razão*. São Paulo, Companhia das letras, 2006.

22 Essa percepção é apoiada por outros dados de campo, não apresentados nesse artigo, apesar da ausência direta nos discursos de Jonathan e Eduardo. Em toda a pesquisa, a raça/etnia foi apresentada a partir da autoidentificação dos participantes. Para uma discussão sobre a invisibilidade da raça/etnia nas escolhas pelo uso da testosterona, ver Tramontano, 2017.

SLOTERDIJK, Peter. *A mobilização infinita: para uma crítica da cinética política*. Lisboa, Relógio d'Água, 2002.

